

O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DAS CRIANÇAS

Data de aceite: 01/09/2023

Ravena Telles Queiroz

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM

Maria Eduarda de Araújo Reis

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM

Gustavo Alexandre Dutra Braga Soares

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM

Cátia Aparecida Silveira Caixeta

Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM

para uma enorme variedade de países e continentes, foi necessário que a Organização Mundial da Saúde (OMS) se posicionasse, decretando a ocorrência de uma pandemia (OLIVEIRA e LIRA, 2020)

Nesse sentido, com o intuito de conter a propagação deliberada do coronavírus, a maior parte das nações afetadas, visando a manutenção da saúde pública, por recomendação tanto de autoridades locais quanto da OMS, optaram por estabelecer para a população em geral restrições relacionadas com o contato social. Dentre as intervenções realizadas, objetivando reduzir o crescimento exponencial de novos casos, o *lockdown* foi o mais comum, uma vez que ele estabelecia de forma rígida o isolamento social (OLIVEIRA e LIRA, 2020). Dessa forma, ele alterou de forma significativa a rotina dos cidadãos comuns, visto que, a prática de atividades básicas, como frequentar escolas, o funcionamento de locais de trabalho não essenciais, parques, comércios, empregos informais foram impossibilitados de serem realizados

1 | INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, os primeiros casos de uma nova doença, a Covid-19, começaram a ser notificados na cidade chinesa de Wuhan, sendo causada por um tipo de coronavírus, o SARS-CoV-2 (MARINHO et al. 2022). Em virtude desse patógeno apresentar uma alta taxa de contágio, que é significativa a ponto de em poucos meses após a notificação dos primeiros infectados ter se espalhado

ou frequentados (FIOCRUZ, 2020).

Em consequência às medidas executadas, o desemprego em ampla escala, decréscimo significativo da economia, o medo e a incerteza acerca da nova doença se tornaram parte da rotina de milhões de pessoas. Dessa maneira, esses fatores negativos em conjunto, podem resultar em prejuízos significativos em crianças, jovens, adultos e idosos tanto no que a problemas físicos quanto a transtornos mentais (FIGUEIREDO et al. 2020).

Diante desse cenário, em virtude da existência de inúmeras razões prejudiciais ocasionados pela pandemia, é necessário destinar uma maior atenção para as demandas que as crianças exigem, uma vez que boas condições psicossociais, sanitárias e econômicas são fatores essenciais para que o desenvolvimento dos infantis ocorra da forma esperada, princípios esses que estavam comprometidos desde o surgimento do vírus. Outro motivador de preocupação perpassa diretamente pela faixa etária em que as crianças se encontram, uma vez que elas ainda estão em um período crítico de maturação física e mental, além de estarem em pleno aprendizado das habilidades para o convívio social (FIGUEIRAS, 2005).

Nesse contexto, no que se relaciona a alteração do comportamento das crianças, o fato de ainda não compreenderem de forma plena a situação vivida, dado que os acontecimentos relacionados ao patógeno se apresentam a elas ainda de forma abstrata, é natural que apresentem variações em suas condutas. Desse modo, os infantis imaturos passam a dormir mal, não comer, chorar, morder, demonstrar apatia ou distanciamento, dado que não conseguem assimilar o que de fato ocasiona todas essas mudanças no cotidiano, as alterações no comportamento das pessoas de seu convívio e transformações das rotinas usuais nos ambientes que costumava a viver (DA MATA, 2020)

Nesse âmbito, as alterações de comportamento possuem relação direta com o desenvolvimento fisiológico humano, dado que ele possui dependência direta de inúmeros fatores, como o toque social, que é imprescindível para desenvolver cognição, emoções, apego e relacionamentos, além de estímulos de diferentes ambientes, que influenciam para que a maturação do sistema nervoso central ocorra de maneira hígida (REGO e MAIA, 2021).

Nesse panorama, outro aspecto que merece destaque é o impacto da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes, tendo em vista que eles são extremamente vulneráveis aos efeitos causados por estressores constantes em períodos sensíveis ao desenvolvimento e, portanto, a saúde mental dessas pessoas durante e após a pandemia necessitam de uma avaliação especial. O aspecto do bem-estar de pessoas que possuem menos de 19 anos possui íntima relação com o sistema familiar e que, durante a pandemia, as interações foram drasticamente modificadas, uma vez que a dinâmica do núcleo familiar foi completamente alterada, além do fato de que os pais, ao longo do confinamento social, foram experimentando as próprias perdas desmoralizantes, gerando uma falta de apoio para os infantis em pleno desenvolvimento. (PFEFFERBAUM e NORTH, 2020).

Dessa forma, o aparecimento e a expressão de problemas típicos de humor e ansiedade evoluíram à medida que o impacto do COVID-19 aumentou. A nível individual, crianças e jovens perderam repentinamente muitas das atividades que fornecem estrutura, significado e ritmo diário, como escola, atividades extracurriculares, interações sociais e atividade física, favorecendo assim o retraimento social, a anedonia e a desesperança em relação ao futuro (COURTENEY et al. 2020).

Ainda nessa perspectiva, outro fator afetado em virtude do aparecimento repentino do SARs-CoV-2 foi a relação familiar. Em uma situação de normalidade, o padrão de convivência entre pais e filhos é um processo de parentalidade positiva ou pró-desenvolvimento, fornecendo cuidado físico, emocional e social. (LINHARES e ENUMO, 2021). No entanto, é evidente que devido ao estresse e angústia causado pela COVID-19 o ambiente familiar passa a sofrer interferências diretas, uma vez que o isolamento restrito a aquele espaço provoca a ausência de referências externas do ambiente ampliado, que são representados, principalmente, pela escola e local de trabalho. Dessa forma, crianças sofrem com a falta de estimulação adequada, violência, maus tratos, baixa escolaridade e entre outros diversos fatores que perpassam pelos atos dos responsáveis que sofrem as consequências indesejadas da pandemia (NCPI, 2020).

Portanto, avaliar como a vida das crianças se apresenta em meio ao isolamento social é de extrema importância, visto que o meio em que ela se encontra pode influenciar em seu desenvolvimento, principalmente em crianças que se encontram na primeira infância e ainda possuem estruturas cerebrais significantes se desenvolvendo e finalizando a formação. Assim sendo, é de extrema importância analisar como a crianças nos mais diversos âmbitos foram afetadas tanto de forma indireta quanto de maneira direta pelos desdobramentos da pandemia e do isolamento social.

2 | DESENVOLVIMENTO

A suspensão das atividades escolares, confinamento de crianças e adolescentes em suas casas durante a pandemia da Covid-19, foi a única forma inicial encontrada para se evitar a propagação da doença, porém, acabou por afetar o desenvolvimento psicomotor e a saúde mental destes, já que é cada vez mais notado que os indivíduos que sofrem esse isolamento, têm maior risco de doenças cognitivas. Dessa forma, experiências adversas como essa, são particularmente mais prejudiciais para crianças e adolescentes, pois esses estão em fase de crescimento e formação intelectual, podendo o isolamento gerar impactos no desenvolvimento psicossocial nessas crianças, uma vez que todos os padrões e hábitos de relacionamento são iniciados durante essa fase. (ALMEIDA e JÚNIOR, 2021; ALMEIDA et al. 2021; FONSECA et al. 2022; Fiocruz, 2020;

Sendo assim, milhares de menores de idade foram afetados ao redor do mundo, e se faz mister conhecer como as crianças vivenciaram tal isolamento, objetivando abrandar

seus efeitos sobre a saúde psicofísica, uma vez que a atual conjuntura afeta o estilo de vida dessas, que é determinante no quesito saúde, notado o aumento do sedentarismo, desregulação do sono, dietas desfavoráveis e mais tempo em aparelhos eletrônicos e televisores. Logo, há uma ampla comprovação de que esses determinantes têm um impacto significativo na neuroplasticidade, portanto, no desenvolvimento cognitivo e emocional. (FONSECA et al., 2022; MARINHO et al., 2022)

Diante disso, é de extrema importância, após esse momento delicado que o mundo viveu, a observação do modo como a criança se apresenta, expressa seu emocional e se comporta no dia a dia, para que seja possível ofertar cuidados direcionados à amenização e à prevenção das consequências da pandemia ao desenvolvimento psicossocial das crianças. Neste sentido, dentre as principais mudanças observadas no comportamento infantil, pode-se citar a dificuldade de concentração, o sono, a piora na alimentação, o maior apego aos pais ou aos responsáveis, a irritabilidade, o medo, maior tempo de exposição às telas, entre outras coisas. (DA MATA, 2020)

Ademais, a vivência pelos infantes de alterações em suas rotinas, com a permanência somente nos ambientes domésticos e suspensão de visitas a outros espaços, como creches e casas de familiares e amigos, compromete também, a capacidade desses de serem independentes, já que as crianças são observadoras ao contexto de vivência e sensíveis ao comportamento psicossocial dos pais e dos cuidadores. (DA MATA, 2020)

2.1 Hábitos de vida

Antes do confinamento, a maioria das crianças já possuíam um estilo de vida pouco saudável, elas já não se alimentavam da forma mais adequada, não realizavam muitas atividades físicas e não possuíam uma boa qualidade de sono, contudo, o isolamento intensificou esse fato, com mudanças significativas nos níveis de atividade física, no sono e na alimentação. Em paralelo com isso, as crianças que praticaram mais exercícios físicos durante a situação de isolamento, dormiram e comeram melhor, apresentaram menos reações negativas e amenizaram os sintomas existentes no decorrer do confinamento, somado ao fato de serem menos propensas a ter problemas de hiperatividade, desatenção e comportamentos antissociais. (MARINHO et al., 2022).

Nessa perspectiva, Carroll et al. (2020), realizou uma pesquisa a respeito da saúde física e nutricional de pais e filhos durante a pandemia, foram analisadas 254 famílias, e dentre elas foram coletados dados sobre 310 crianças, com idade média de 6 anos, onde foram identificadas que cerca de 52% das crianças entrevistadas diminuíram suas atividades físicas e que 87% desses jovens aumentaram o seu tempo de tela, o que promove o estilo de vida sedentário, que pode ser fator causador de doenças crônicas futuras. (CARROLL et al., 2020; ALMEIDA e JÚNIOR, 2021)

Essas alterações nos hábitos de vida podem ser observadas como uma tentativa

de lidarem com a situação adversa, todavia, essas foram formas ineficientes, haja vista que prejudicaram os processos de aprendizagem, desenvolvimento e convivência das crianças, visto que a prática de exercícios físicos foi fator protetor para reduzir os problemas comportamentais naquelas crianças que tiveram o hábito no isolamento domiciliar. (MARINHO et al., 2022)

Ademais, o mesmo estudo de Carroll et al. (2020) observou que mais da metade dos participantes alterou sua rotina alimentar devido as medidas de isolamento em razão à pandemia da COVID-19. A principal mudança foi o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados, que possuem um alto teor de sódio, corantes, aditivos prejudiciais à saúde e com poucos nutrientes, assim, as crianças ficam mais susceptíveis ao desenvolvimento de doenças como hipertensão arterial, diabetes, obesidade, entre outras. Ademais, jovens isolados, foram classificados como mais prováveis de apresentarem altos níveis de cortisol, o que é amplamente reconhecido como um fator relacionado com o aumento do IMC (índice de massa corporal). (ALMEIDA e JÚNIOR, 2021; ALMEIDA et al. 2021)

2.2 Alterações psicológicas

Segundo Da Mata et al. (2020), “o confinamento cerceia as crianças, que se encontra em uma importante fase da vida, de anseios essenciais de qualquer indivíduo, caracterizado por afeto e contato”. Assim, esse isolamento pode gerar traumas amplificados mais focados durante essa fase de crescimento e repercutir em transtornos psicológicos como ansiedade e depressão.

Logo, o estigma psicossocial, alterado pelas mudanças de estilo de vida propiciadas pela quarentena, ameaça o bem-estar infantil no que tange a sua saúde mental. As crianças são mais susceptíveis a alterações psicológicas por terem certa dificuldade em compreender a gravidade de uma pandemia, além de não possuírem recursos cognitivos necessários para compreender algo tão abstrato como o coronavírus. (FONSECA et al. 2022; MARINHO et al., 2022)

Ao analisar o período anterior ao isolamento, foi identificado que houve a menor prevalência geral de transtornos psiquiátricos quando comparado à durante o momento de quarentena devido à COVID-19, sendo que os fatores mais presentes nessa situação foram transtornos emocionais, transtornos de conduta, hiperatividade e esses distúrbios também se associaram a pesadelos, falta de apetite e desconforto físico. Somado a isso, há também o transtorno de estresse pós-traumático em crianças, que estaria relacionado ao luto pela perda de entes queridos (MARINHO et al., 2022; SILVA, 2021)

As consequências do confinamento em crianças estão principalmente na área afetiva, refletindo-se, também, no nível comportamental. Após o isolamento social, os pais relataram graves sintomas psicológicos entre os filhos, como depressão em 18,7% dos casos, e ansiedade em 17,6%, além de evidenciar o surgimento de sintomas iniciais de

distúrbios da saúde mental nas crianças, como irritação 73,15% e raiva 51,25%. (SAMA et al., 2021)

Já o Núcleo Ciência pela Infância (2020) evidenciou algumas das dificuldades funcionais e comportamentais nas crianças relatadas pelos pais em um estudo na China com 320 crianças e adolescentes: 36% de dependência excessiva dos pais; 32% de desatenção; 29% de preocupação; 21% de problemas no sono; 18% de falta de apetite; 14% de pesadelos; e, 13% de desconforto e agitação

Foram realizados questionamentos relacionados ao nível de estresse das crianças durante a pandemia, e foram observados alterações no comportamento e no humor infantil. Nesse sentido, os familiares relataram que devido às mudanças abruptas nas rotinas, as crianças apresentavam mais irritabilidade, que elas se frustravam mais facilmente e que apresentavam um limiar menor de paciência. Os pais informaram ainda que as crianças ficaram muito tristes por não poderem ver seus amigos, uma vez que não podiam frequentar a escola. (CARROLL et al. 2020; ALMEIDA e JÚNIOR, 2021)

Além disso, durante esse período de surto, foram manifestadas pelas crianças um maior medo de lesões físicas e fobia social, e isso pode ser resultado de uma preocupação excessiva em relação a morte e danos físicos a si próprio e sua família ocasionada a exposição da COVID-19. (SILVA, 2021)

Nesse sentido, as crianças em idade escolar vivenciaram de forma mais intensa alterações psicológicas decorrentes da imposição da nova rotina. Já as crianças de 0 a 2 anos de idade, que ainda não frequentavam a escola ou creche, não sofreram os impactos diretos do isolamento, por passarem mais tempo em casa. Ademais, ficou evidente que o ambiente familiar foi fator determinante, visto que a condição psicológica dos pais estava intimamente relacionada ao estresse vivenciado pelas crianças. (MARINHO et al., 2022)

2.3 Ensino à distância

A pandemia de Covid-19 trouxe consigo um panorama completamente diferente de tudo o que já havia sido presenciado pelas gerações anteriores, tanto no que tange ao convívio social, quanto às dificuldades em se manter a educação das crianças no país. Dentre essas medidas, o isolamento físico proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) foi o que gerou maiores repercussões e ressignificações para as diferentes dimensões da vida social. Nesse cenário, atividades habituais, como ir à escola passaram a ser incorporadas ao ambiente domiciliar, reorganizando práticas tradicionais já estabelecidas pela sociedade (ARAÚJO, et. Al., 2022). Dessa forma, o ensino à distância, caracterizado pela não presencialidade, em que alunos e professores não compartilham de uma mesma sala de aula, mediado por algum recurso impresso, mecânico ou eletrônico, que pode facilitar essa interação, foi tido como a única solução disponível para que as aulas não cessassem durante o período de quarentena (OLIVEIRA, et. Al).

Assim, no dia 18 de maio de 2020, o Ministério da Saúde suspendeu as aulas presenciais em todo o país através da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020.

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (PORTARIA Nº 343, de março de 2020).

A aprendizagem no ambiente escolar é de grande importância para o desenvolvimento da criança, visto os aspectos cognitivos e linguísticos para o ensino da linguagem escrita, além das relações sociais a que está exposta, entre outros elementos necessários no contexto educacional diário. Diante disso, algumas limitações do ensino online foram observadas, como dificuldades para o ensino de habilidades, tempo de atenção limitado e falta de disciplina dos alunos no acompanhamento das aulas, sendo agravadas de forma inversamente proporcional à idade, visto que quanto menores as crianças, maiores foram as dificuldades escolares (Barbosa, Anjos e Azoni, 2020). Ainda, alguns pais apontaram como o distanciamento social ao qual os filhos foram submetidos foi prejudicial, uma vez que não puderam interagir com os colegas e familiares, o que gerou comportamentos como ansiedade, irritabilidade, tristeza e medos (Romanzini, Botton Vivian, 2022).

Além disso, é necessária atenção especial às desigualdades existentes no sistema educacional, visto que estudantes de baixo nível socioeconômico tiveram maiores dificuldades de acesso aos recursos tecnológicos necessários para acompanhar as atividades, o que os impossibilitou de receber estimulação durante esse período (Barbosa, Anjos e Azoni, 2020). Essas diferenças também foram enfrentadas por estudantes de escolas particulares e da rede pública de ensino, o que demonstrou que ter mais recursos determinava acompanhamento escolar melhor, facilitando o aprendizado. Também, o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes pode sofrer interferências por não conseguirem acessar o material didático e concluírem as atividades de forma autônoma. Além disso, existe a possibilidade de não poderem desfrutar de um local adequado para o cumprimento das atividades pedagógicas, expondo a vulnerabilidade de muitas famílias durante a pandemia, evidenciando, assim, a discrepância socioeconômica (ARAÚJO, et. al., 2022).

O acesso à internet é de extrema importância para o funcionamento do ensino remoto-domiciliar, pois viabiliza o acesso às informações, proporcionando o conhecimento e o desenvolvimento do senso crítico, expandindo, assim, a possibilidade do exercício da cidadania das crianças e dos jovens. No entanto, grande parte da população brasileira não tem conexão domiciliar com internet, como as crianças de baixa renda ou que residem na zona rural, o que, sem dúvidas, acentua as desigualdades sociais com os demais infantes, cujo acesso garantido a esse meio não lhes prejudica a aquisição dos conteúdos escolares.

A necessidade do uso de novas tecnologias caras e inacessíveis, para grande parcela da população, também contribuiu para perpetuar a exclusão, criando um abismo ainda maior entre os que têm e os que não têm acesso às inovações tecnológicas de comunicação e informação (ARAÚJO, et. al., 2022).

Além do acesso aos recursos educacionais, muitas crianças que frequentavam a escola dependiam dela para alimentar-se de forma saudável, sendo esta uma das principais fontes de nutrição para crianças em situação de pobreza. Desse modo, com a suspensão das aulas presenciais, essas crianças tiveram seu acesso à comida de qualidade suspenso, o que pode afetar de forma significativa no seu desenvolvimento cognitivo, visto que a alimentação ofertada na escola está positivamente associada ao bom desempenho acadêmico. Nesse contexto, fica evidente que, durante a pandemia, estudantes que dependiam da comida oferecida na escola, encontravam-se em situação de risco quanto ao desempenho cognitivo, além das questões nutricionais e de sobrevivência. (BARBOSA, ANJOS E AZONI, 2020).

Além das dificuldades enfrentadas pelos estudantes durante esse período, destaca-se os também àquelas enfrentadas pelos pais e responsáveis pelas crianças, visto que o acompanhamento educacional das mães para com seus filhos, comumente realizado antes da pandemia do covid-19, pautava-se em subsidiar um reforço pedagógico do conteúdo escolar, previamente trabalhado pelos professores em sala de aula. Contudo, as novas demandas educacionais direcionadas a elas envolveram, nesse período, a assistência, a orientação e a explicação do conteúdo escolar com o auxílio dos professores de forma remota. Dessa forma, muitas mães enfrentaram limitações frente ao ensino remoto-domiciliar pelo fato de não terem formação específica em educação infantil ou possuírem níveis baixos de escolaridade, considerando-se incapazes de transmitir o conhecimento e auxiliar nas tarefas propostas pela escola, reverberando em estresse parental e infantil (ARAÚJO, et. Al., 2022).

Outra questão problemática enfrentada nesse período foi o maior risco de exposição precoce e demasiada à televisão, celulares e tablets. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria, o ideal é que crianças menores de dois anos de idade não sejam expostas a telas, e aquelas que possuem entre dois e cinco anos tenham esse tempo limitado a, no máximo, uma hora por dia. Entretanto, a necessidade do uso dessas tecnologias, para o auxílio do processo de aprendizagem aumentou, significativamente, o uso de telas durante a pandemia por crianças e adolescentes (MARINHO, et. Al., 2022).

Ainda, parte dos professores buscou diferentes alternativas, além das estratégias asseguradas pela escola, com o intuito de garantir uma educação de qualidade para todos (ARAÚJO, et. Al., 2022). Desse modo, a importância em tentar manter a rotina escolar, realizando-a de maneira tranquila, respeitando as orientações pedagógicas adequadas, é indiscutível, pois pode auxiliar a criança a sustentar a sua estabilidade e equilíbrio durante esse período (Romanzini, Botton Vivian, 2022).

Logo, vale mencionar, a importância das instituições de ensino sobre essa população, posto que a escola não é apenas um local de aprendizagem, mas que oferece, também, oportunidades de interação com amigos e conforto psicológico. Contudo, o fechamento das escolas e a adoção de estratégias de ensino online e de aprendizagem em casa foram iniciadas para manter os alunos envolvidos no processo educacional, o que possibilitou exacerbar os impactos psicológicos associados à pandemia, e deixaram os estudantes sobrecarregados, perdendo a qualidade e o conteúdo de ensino, além de transformar, em parte de suas obrigações, os aparelhos eletrônicos, que antes eram usados para diversão e recreação (MARINHO, et. Al, 2022).

CONCLUSÃO

O cenário pandêmico foi, indubitavelmente, prejudicial à saúde dos infantis, tanto de forma indireta quanto de maneira direta pelos desdobramentos da pandemia e do isolamento social. O lockdown durante a pandemia da Covid-19, foi a única forma inicial encontrada para se evitar a propagação da doença, porém, acabou afetando o desenvolvimento psicomotor e a saúde mental das crianças e dos adolescentes, mais sensibilizados, pois esses se encontram em fase de crescimento e formação intelectual, podendo o isolamento gerar impactos no desenvolvimento psicossocial, uma vez que todos os padrões e hábitos de relacionamento são iniciados durante essa fase.

Nesse viés, foi possível observar alterações nos hábitos de vida dessa população, que passou a adotar práticas cada vez menos saudáveis, tanto na escolha da alimentação, quanto na diminuição da prática de atividades físicas. Ainda, é possível inferir que as crianças foram mais susceptíveis a alterações psicológicas durante esse período por terem certa dificuldade em compreender a gravidade de uma pandemia, além de não possuírem recursos cognitivos necessários para compreender algo tão abstrato como o coronavírus. No que tange o aspecto educacional, foram enfrentadas inúmeras limitações frente ao ensino remoto-domiciliar, tanto pela falta de recursos, como aparelhos eletrônicos adequados e acesso à internet, quanto pelo o desenvolvimento das crianças, que utilizam do ambiente escolar para o seu desenvolvimento psicossocial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Isabelle Lina de Laia. et al. Isolamento social e seu impacto no desenvolvimento da criança e do adolescente: uma revisão sistemática. Revista Paulista de Pediatria [online], v. 40, p.1-9, 2022.

ALMEIDA, JÚNIOR; Os impactos biopsicossociais sofreram pela população infantil durante a pandemia do COVID 19; 2021 ARAUJOA, et al. Percepções sobre o ensino remoto-domiciliar durante o isolamento físico: o que as mães têm a nos relatar?; 2022

- BARBOSA, LEITE DOS ANJOS, AZONI. Impactos na aprendizagem de estudantes da educação básica durante o isolamento físico social pela pandemia do COVID-19; 2021
- CARROLL, et al. The Impact of COVID-19 on Health Behavior, Stress, Financial and Food Security among Middle to High Income Canadian Families with Young Children. *Nutrients*. 2020
- COURTNEY, D. et al. COVID-19 Impacts on Child and Youth Anxiety and Depression: Challenges and Opportunities. **The Canadian Journal of Psychiatry**, v. 65, n. 10, p. 070674372093564, 22 jun. 2020.
- DA MATA, Ingrid Ribeiro Soares. et al. As implicações da pandemia do COVID-19 na saúde mental e no comportamento das crianças. *Resid Pediatr*, Rio de Janeiro, v. 0, n. 377, p. 1-14, jul. 2020
- DE FIGUEIREDO, et al. COVID-19 pandemic impact on children and adolescents' mental health: Biological, environmental, and social factors. *Prog Neuropsychopharmacol Biol Psychiatry*. 2021
- FIGUEIRAS A.C, et al. Organização Panamericana de Saúde. Manual de vigilância do desenvolvimento infantil no contexto da AIDPI. Washington, DC: OPAS; 2005.
- FIOCRUZ. Crianças na pandemia Covid-19; 2020
- FONSECA, L.C.P., et al. O isolamento social no contexto da pandemia e seus impactos psicossociais em crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica narrativa. Congresso Brasileiro De Ciências E Saberes Multidisciplinares. 2022
- LINHARES, M. B. M.; ENUMOS. R. F. ERRATUM; Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil; 2021.
- MARINHO et al; Impactos psicossociais da pandemia do COVID-19 em crianças; 2022
- NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA (NCPI). Repercussões da Pandemia de COVID-19 no Desenvolvimento Infantil [Internet]. São Paulo (SP): NCPI; 2020;
- PFEFFERBAUM, B., & NORTH, C. S. Mental Health and the Covid-19 Pandemic. *The New England journal of medicine*; 2020
- REGO, K. DE O.; MAIA, J. L. F. Ansiedade em adolescentes no contexto da pandemia por COVID-19. *Research, Society and Development*; 2021.
- ROMANZINI et al. Repercussões da pandemia da Covid-19 em crianças do Ensino Fundamental, 2022
- SAMA, B.K., KAUR, P., THIND, P.S., VERMA, M.K., KAUR, M., & SINGH, DD. Implicações do bloqueio nacional induzido pelo COVID-19 no comportamento das crianças em Punjab, Índia. *Criança: cuidado, saúde e desenvolvimento*; 2021
- SILVA, et al. "Explorando os efeitos na saúde mental de crianças durante a pandemia de covid-19", *International Journal of Development Research*. 20.